



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 11, número 1, jan.-abr. 2022

ENVELHECER, REMEMORAR: SOLIDÃO, MELANCOLIA E MORTE, EM FIM, DE FERNANDA TORRES



AGING, REMEMBERING: LONELINESS, MELANCHOLY AND DEATH IN “FIM” BY FERNANDA TORRES

Suéllen Rodrigues Ramos da SILVA
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

Maria de Lourdes Pereira de LIMA
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Danielle Abrantes de Menezes CARVALHO
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da
Paraíba, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [AS AUTORAS](#)
RECEBIDO EM 01/11/2021 • APROVADO EM 22/04/2022

Resumo

Neste artigo, através da análise literária do romance *Fim*, de Fernanda Torres (2013), são examinados aspectos das trajetórias dos personagens *Ciro* e *Neto*, focando as relações afetivas, com suas respectivas esposas, *Ruth* e *Célia*, e amigos em comum, *Álvaro*, *Ribeiro* e *Sílvio*. A partir dos narradores, predominantemente homodiegéticos, suas vivências cotidianas são presentificadas pela rememoração de experiências, e a obra evidencia seu caráter psicológico, contemplando reflexões sobre amizades, ausências, a finitude, a relação com a morte, o luto e a melancolia. O romance desperta no leitor um senso de proximidade dos personagens, por meio de seus conflitos internos, representação no universo literário de sentimentos e reflexões sobre a solidão e as perdas afetivas, que tem

par em nossa realidade contemporânea, num momento desafiador para a humanidade. Na fundamentação, foram utilizados Benjamin (1987), Santiago (2002) e Reis e Lopes (1988), que abordam características da narração; Bosi (1994; 2003), acerca da memória; Candido (2011), sobre literatura e humanização; e Freud (2006), em relação à perda do objeto amado.

Abstract

In this article, we seek to discuss through the literary analysis of the novel *Fim*, by Fernanda Torres (2013), aspects of Ciro's and Neto's trajectories, focusing on affective relationships with their respective wives, Ruth and Célia, and mutual friends, Álvaro, Ribeiro and Sílvio as well. From the narrators, mostly defined as a homodiegetic type, their daily experiences are made known by the recall of experiences and the novel shows its psychological quality by contemplating reflections on friendships, absences, finitude, the relationship with death, mourning and melancholy. The novel awakens in the reader a sense of being close to the characters, through their internal conflicts, representation in the literary universe of feelings and reflections on loneliness and affective losses, that can happen in our contemporary reality, in a challenging moment to humanity. In the theoretical framework, studies by Benjamin (1987), Santiago (2002) and Reis and Lopes (1988) were used to address characteristics of the narration; to discuss on memory we used texts by Bosi (1994; 2003), Candido (2011) to debate on literature and humanization and Freud (2006) to argue in relation to the loss of the loved object.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Velhice. Memória. Melancolia. Morte.

Keywords: Old age. Memory. Melancholy. Death.

Texto integral

Introdução

Ler sobre a morte é vivê-la por antecipação, é crescer um pouco mais internamente para estarmos preparados para a sua vinda. Porém também é o espaço para confrontar nossas próprias experiências e descobrir nos personagens da ficção que nossas emoções, que nossos sentimentos diante disso, são também os de outras pessoas.¹
(DÍAZ, 1996, p. 9, tradução nossa).

¹ No original: "Leer sobre la muerte es vivirla por anticipado, es crecer un poco más internamente para estar preparados para su venida. Pero también es el espacio para confrontar nuestras propias experiencias y descubrir en los personajes de ficción que nuestras emociones, que nuestros sentimientos ante ese hecho, son también los de otras personas."

A epígrafe que abre nosso texto ajuda-nos a pensar na relação estabelecida pelo leitor com os personagens do romance *Fim*, de Fernanda Torres (2013), objeto deste artigo, sobretudo a partir de uma estrutura narrativa que gera aproximação e adesão. Como o próprio título do livro antecipa, a obra tem como foco os momentos finais das vidas dos cinco protagonistas — Sílvio, Ribeiro, Ciro, Álvaro e Neto —, que mantêm uma relação de amizade desde a juventude.

Observamos que o término da trajetória de tais personagens é narrado tanto por cada um deles, em relatos que se sucedem e se atravessam, quanto por personagens secundários, mas muito relevantes, como familiares e pessoas presentes em seus momentos finais. Sobretudo quando os próprios personagens assumem os relatos, estes são bastante pessoais, íntimos, reflexivos e com caráter autobiográfico, nos quais esses narradores homodiegéticos (REIS; LOPES, 1988, p. 124) pinçam de seus percursos acontecimentos que lhes parecem relevantes, com foco principal em experiências compartilhadas entre o grupo de amigos que se manteve ao longo da vida.

Centramos nosso estudo na narração memorialista, produzindo uma análise a partir dos personagens Ciro e Neto e seus vínculos afetivos, entre os amigos e com suas esposas, Ruth e Célia, respectivamente, o que permitiu refletir sobre o luto, a melancolia e a relação entre a morte e a solidão — temas bastante atuais, considerando um contexto mundial de pandemia, no qual milhares de pessoas têm morrido isoladas, impossibilitadas de compartilharem seus últimos momentos com aqueles por quem têm afeição.

A presentificação do passado por meio da narração memorialista

A arte de narrar, mencionada por Benjamin (1987, p. 197) como experiência “em vias de extinção”, considerando “cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”, é um dos destaques do romance *Fim*, que se utiliza muito bem da perspicácia narradora de modo que, como leitores, conseguimos estar bem próximos dos personagens, num ato de partilha de suas vivências, diante de uma narrativa com ênfase em elementos memorialistas e psicológicos.

Conforme Ecléa Bosi,

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 9).

E esse olhar lançado ao passado, a presentificação dos acontecimentos já vividos, é ponto marcante da obra, com as memórias dos personagens sendo apresentadas, alternando-se, e, por vezes, postas em confronto, inclusive deixando claro a personalidade e a riqueza narrativa alcançadas com o uso de narrações a partir de diferentes pontos de vista sobre eventos comuns vivenciados por eles.

O estilo de escrita evidencia a constante mudança no foco narrativo. Em cada capítulo, um dos amigos assume o papel de narrador principal, que relata,

para além de sua vida cotidiana, aspectos da juventude e do relacionamento próximo com os demais personagens e amigos. No trecho a seguir, Ciro relembra experiências, já no fim da vida, a partir de um dos diálogos com o amigo Neto, quando seu casamento começa a ruir:

Você ainda gosta de trepar com a Célia?, perguntei. O Neto ficou surpreso com a crueza da questão, riu, refletiu e devolveu sincero: Não penso nisso, acho que sim, não sei. É a minha vida, não tenho outra. Mas você não sente falta do desconhecido, Neto? Da corte? Do perigo? Do sexo anônimo? Da incerteza quanto à próxima vez? Ele explicou que sentia pela Célia um carinho familiar, gostava da casa arrumada, de ver os filhos saírem para a escola e de ter alguém para deitar do lado [...]. (TORRES, 2013, p. 162).

A respeito dessa partilha, lembramos o que afirma Benjamin (1987, p. 198): “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”.

Contudo, cabe ressaltar que as reflexões dos personagens não se fixam somente no passado, havendo grande presença do que ocorre no presente da narração, como quando Ciro está hospitalizado, mas percebe não estar só e pensa sobre sua condição: “A letargia me impede de perguntar quem é. Não tenho força, sou só pensamento” (TORRES, 2013, p. 177).

Esse jogo entre temporalidades leva o leitor a pensar sobre as mudanças que se dão no decorrer da vida dos personagens, tanto externas quanto internas. No caso de Ciro, ao conhecer tais pensamentos, que se referem à sua situação debilitada, devido à doença, refletimos sobre a gradual perda de sua saúde e, sobretudo, de sua vitalidade, enfatizada no enredo como característica marcante do personagem, que antes era invejado pelos amigos. No relato de seu velório, tal potência é referida por um narrador onisciente: “Ciro era a luxúria, a beleza, o irracional, era o amor virginal, a adolescência, o macho por excelência. [...] Um deus bonito pra cacete, e falho, por ser mortal” (TORRES, 2013, p. 147).

A degradação do corpo, que adoece, vai nos sendo apresentada, sobretudo, não a partir de um olhar externo somente, de quem o vê definhar, mas do próprio Ciro, ao termos acesso aos seus pensamentos e sentimentos, sendo o viés psicológico outro elemento relevante da narração homodiegética que constitui grande parte do livro *Fim*. Para Bosi (1994, p. 6), “o sentimento difuso da própria corporeidade é constante e convive, no interior da vida psicológica, com a percepção do meio físico ou social que circunda o sujeito”.

Esse aspecto social vincula-se ao viés da narrativa que diz respeito às histórias de vida dos personagens, e como se entrelaçam, havendo interação constante entre eles, uma teia de relações que se construiu em anos de convívio. Percebemos que os narradores que também são personagens delineiam seus relatos a partir de suas próprias vivências memoráveis e suas realidades, mas, por vezes, referem-se a experiências compartilhadas, como nesta reflexão de Neto: “Minha descoberta não veio de estalo, na aurora da vida, só a percebo agora, depois da morte dela. Aqui, na cama de mogno, entendo o que o Ciro quis me dizer naquela tarde, quando passamos a arrebenção” (TORRES, 2013, p. 140-141).

Neto, com uma vida pacata, apresenta-se como oposto à postura assumida por Ciro durante sua vida saudável, que opta por mergulhar em aventuras e desventuras amorosas, experienciando a vida sexual com diversas parceiras, sobretudo quando declina seu interesse por Ruth, e seu casamento deteriora-se, até chegar ao fim.

Tanto Neto quanto Ciro narram a partir de suas afetividades e reflexões, numa espécie de “monólogo interior”, evidenciando um foco interno dos personagens e suas concepções pessoais (REIS; LOPES, 1988, p. 266). É o que vai nos despertando, gradualmente, para o encadeamento sequencial com que a obra é elaborada, com histórias do tempo pregresso contadas no tempo presente, remetendo ao ponto de vista memorialista (REIS; LOPES, 1988, p. 156).

No capítulo sobre Neto, acompanhamos um pouco de sua vida conjugal — estável, apesar dos conflitos internos e familiares. Em seus relatos memoráveis com os amigos, Neto reflete sobre a fluidez das relações que ocorrem em seu entorno e a forma como os demais personagens se desfazem de seus casamentos:

O desquite virou obrigação. Eu via o desprezo com que eles me olhavam, enquanto jogavam seus casamentos no lixo, um após outro, numa ganância desenfreada, suicida, solitária, estéril. *Eu não. A leviandade não fazia parte de mim.* (TORRES, 2013, p. 136, grifos nossos).

O pensamento de Neto sobre si mesmo se confirma, tanto que, com o falecimento de sua esposa, Célia, ele descreve a dificuldade de recomeçar a vida, comparando com os sonhos e afetos da juventude, refletindo sobre o envelhecimento, quando não seria mais possível construir relações verdadeiras de amor:

Como é possível prosseguir sem planos? Aos vinte, assassinam-se amores, amizades, vai-se em frente como uma flecha afiada; só mais tarde se aprende quão raros são os reais afetos. *Não acredito em paixões tardias, não se ama mais depois dos quarenta.* É mentira. No máximo, faz-se um acordo formal, finge-se saudade, apreço, mas a biologia não precisa dos arroubos juvenis de um velho. (TORRES, 2013, p. 134, grifos nossos).

Nesse trecho, Neto deixa evidente sua crença sobre a condição de vida de uma pessoa mais velha, quando não tem ou perde sua companhia amorosa. Ele, quando do falecimento de sua esposa, tinha cerca de 62 anos, vindo a falecer um ano após a morte de Célia.

Destacamos também como Neto se mostra emocionalmente abalado, afetando a forma como vê a si próprio, como perde sua própria identidade — “Quero escrever uma nota. Cadê a caneta? Na estante. E o papel? Na gaveta. *Nada fora de lugar. Só eu*” (TORRES, 2013, p. 136, grifo nosso) — e não mais se reconhece — “Procuro o antigo rosto, sou eu, ali, e não sou; também não lembro como eu era” (TORRES, 2013, p. 137).

Como afirma Benjamin (1987, p. 207), “no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens — visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso —, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares [...]”, principalmente quando a morte se aproxima. Os sentimentos de Neto, apesar de seu

adoecimento ser emocional, psicológico, acabam sendo análogos ao que Benjamin menciona ao falar de uma pessoa no fim de sua vida.

Ainda sobre Neto, a experiência do envelhecimento parece não contribuir efetivamente para que consiga conduzir melhor sua própria vida, mas o relato, a história contada, ganharia o plano da sabedoria para quem a ouvisse, conforme entende Benjamin (1987, p. 200) ao tratar daquele que narra suas vivências, afirmando que, “de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos”, ponto também mencionado por Santiago (2002, p. 55, grifo do autor):

Na narrativa memorialista, o narrador mais experiente fala de si mesmo enquanto personagem menos experiente, extraindo da defasagem temporal e mesmo sentimental (no sentido que lhe empresta Flaubert em “educação sentimental”) a *possibilidade de um bom conselho* em cima dos equívocos cometidos por ele mesmo quando jovem.

No romance, Ciro é brevemente posto nessa posição de detentor de certa sabedoria em seu leito de morte e da autoridade que qualquer um possuiria ao aproximar-se do fim (BENJAMIN, 1987, p. 200) — ilustrada no diálogo que o personagem tem com a enfermeira Maria Clara, ao perguntar sobre sua vida pessoal e dar conselhos que geram, na personagem, profunda reflexão, ansiando por outro momento em que Ciro esteja consciente para ter com ele uma nova conversa:

Não era todo dia que encontrava alguém curioso pela vida dela. Sempre lamentara o amor interesseiro que sentia por Nélsion. Decidira abrir mão da sorte, ser realista e se casar com a frustração. Agora, aquela entidade surgia do além para dizer que o matrimônio era uma desgraça certa. Falou em tragédia. Condenou a paixão. Garantiu que a falta de afeto poderia ser vantajosa. Em quê?, pensava. [...] Seria bom ter a chance de estar a sós, mais uma vez, com um homem mais velho e experiente interessado nos problemas dela. [...] Lembrou-se de Ciro e repassou as perguntas que planejava fazer. Tinha urgência, precisava ouvi-lo. Dependia disso. (TORRES, 2013, p. 189-190).

Será Maria Clara que ajudará Ciro a pôr fim em seu sofrimento, atendendo ao pedido dele para abreviar sua morte, quando o agravamento de sua doença torna, para ele, insuportável permanecer vivo (TORRES, 2013, p. 196).

Ciro é o primeiro dos amigos a falecer. Tendo mantido um casamento feliz com Ruth por dez anos, a relação não resistiu à rotina, ao desejo de manter seu espírito livre, aberto a novas conquistas: “O casamento não pode matar a aventura de cada um. Aquilo estava acontecendo comigo, só comigo, a Ruth era livre para ter o que fosse dela. Ou isso ou aquilo é o cacete! Isso e aquilo” (TORRES, 2013, p. 171).

Só que seus relatos, após a descoberta de sua doença, o câncer, trazem consigo outra reflexão, pois a solidão batera à sua porta: “Nunca soube o que era pagar por companhia, agora sei. São três que se revezam” (TORRES, 2013, p. 161). Refere-se às enfermeiras que o acompanhava. Mesmo com todo o dom de

conquistador e seus memoráveis relatos, *Ciro*, aos 50 anos, após adoecer e internar-se, não tem ninguém que se disponha a permanecer com ele no hospital.

Dos amigos, *Neto* ainda buscava informações por telefone, mas não tinha estrutura emocional para estar lá — mesmo antes de *Célia* falecer; *Álvaro*, em quem *Ciro* pensou para acompanhá-lo quando marcada a primeira cirurgia, nunca cumpriu nem a promessa de visitá-lo; e *Ribeiro* compareceu até quando sedaram *Ciro*, e por mais duas vezes, mas “Achou inútil insistir, preferiu refletir sobre a tragédia do companheiro ao ar livre, olhando o mar e o voo das gaivotas” (TORRES, 2013, p. 152).

A atitude dos amigos de *Ciro* e sua solidão durante a hospitalização lembram-nos das observações de Benjamin (1987, p. 207), ao mencionar que, “Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte”. A morte dos entes queridos, que, antes de tal processo, ocorria no interior das casas, uma perda próxima, visível, torna-se, gradativamente, mais solitária, sendo “cada vez mais expulsa do universo dos vivos” (BENJAMIN, 1987, p. 207).

Ao aproximar-se o fim, o memorável ficava a cargo do próprio ato de lembrar. Recorremos aos estudos de Bosi (1994, p. 9), a fim de melhor compreender a abordagem da narrativa de cunho memorialista, visto que os relatos de *Neto* e *Ciro* são construídos a partir de uma rememoração minuciosa:

[...] começa-se a atribuir à memória uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. [...] A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 9).

E o que esse detalhamento têm de associação com o aspecto da narração? Bons narradores provocam o leitor à reflexão sobre sua própria existência e fazem com que se sintam próximos aos personagens, levando-o a aderir aos pensamentos e decisões destes, e narrar em minúcias é um dos recursos para atingir tal efeito.

A perda do ser amado: solidão, luto e melancolia

É certo que, após a velhice, temos a morte, a única certeza do ser humano em vida. Ela é considerada a perda da capacidade do encontro e reencontro entre indivíduos. A morte ocasiona, às pessoas que permanecem, a vivência do luto. Segundo Freud (2006, p. 103), “o luto é, em geral, a reação à perda de uma pessoa amada, ou à perda de abstrações colocadas em seu lugar, tais como pátria, liberdade, um ideal etc.”

Durante o luto, pode haver um prolongamento desse sofrimento, sendo substituído pela melancolia. Há quem se confunda entre essas duas condições. Freud (2006, p. 103) esclarece:

[...] sob as mesmas circunstâncias de perda, surge a melancolia, em vez do luto. Curiosamente, no caso do luto, embora ele implique graves desvios do comportamento normal, nunca nos ocorreria considerá-lo um estado patológico e tampouco encaminharíamos o enlutado ao médico para tratamento, pois confiamos em que, após determinado período, o luto será superado, e considera-se inútil e mesmo prejudicial perturbá-lo.

Em *Fim* (2013), evidencia-se o luto vivido tanto por Neto, após a morte de Célia, quanto por Ruth, que enfrentou um luto em vida, passando por isso no processo de término de seu casamento, portanto, mesmo antes de Ciro falecer. O luto, em ambos os casos, chegou ao patológico, ao comportamento melancólico e à esfera do tratamento médico.

Em síntese, na relação desses dois estados, primeiro vem o luto, a partir de uma perda, e, ao se prolongar demasiadamente, torna-se melancolia. Nesse sentido, tanto o luto quanto a melancolia podem proporcionar o processo de luta diária contra todo o sofrimento, que, muitas vezes, é contínuo, mesmo com tentativas de libertação, ou, não havendo mais forças para essa luta, resta a entrega, a desistência, o conformismo com a situação que se estabelece. O personagem Neto ainda tenta, incentivado pelo filho, sair desse estado. Ruth, logo após sair do hospital pela segunda vez, ao qual foi encaminhada após crises psicológicas, passa a viver em luto perpétuo.

As dores ocasionadas pelo sofrimento do luto, bem como pela melancolia, muitas vezes, paralisam o indivíduo, que precisa se libertar de tudo o que o amarrar, que o impediu de prosseguir ou de ir além, porque a perda de algo o fez estacionar. Nessa perspectiva, compreendemos que é preciso que ele enfrente diariamente suas limitações, fazendo com que esse processo de paralisia seja superado. O luto faz parte da vida humana, assim como o sofrimento ocasionado por ele, e, muitas vezes, é preciso acomodá-lo para que a vida prossiga.

A narrativa nos mostrou que Neto viveu seu luto pela perda de sua esposa já no início da velhice, aos seus 62 anos de idade. Seu casamento durou mais de trinta anos (TORRES, 2013, p. 134), e ele sente profundamente, desde os primeiros momentos, a morte inesperada de Célia:

O desespero no velório da esposa foi um prenúncio do que viria mais tarde. Neto contorcia-se de angústia. Ajoelhou no chão, tentou arrancar as roupas, mordeu, gritou, bateu; os filhos correram para abraçá-lo. O pai diminuiu os ganidos, aplacou a fúria, Murilo e Dalva o sentaram de volta na cadeira junto à mãe, mas a calma durou pouco. Mal a fila de condolências retomou o ritmo, Neto foi assolado por outro descontrole bestial. Agarrou Célia nos braços, quis tirá-la de lá, levá-la para casa, foi preciso ajuda para fazê-lo largar a defunta. (TORRES, 2013, p. 135).

Com o passar dos anos, o casal passou a viver a rotina do casamento, mas isso nunca foi um empecilho na vida conjugal. Neto era acostumado a deixar tudo por conta de Célia, sendo ela a base para que a rotina funcionasse bem, conforme ele mesmo narra, evidenciando a autoridade da esposa em casa: “A Célia era o esteio, o mastro, o prumo” (TORRES, 2013, p. 132), “A Célia era a ponte, a casa só

existia graças a ela” (TORRES, 2013, p. 134). Após ficar viúvo, Neto rememora vários momentos de sua vida com a esposa e enxerga o quanto a amou: “Fui invadido por um amor incondicional por nós dois, pelos nossos anos juntos. Fiquei paralisado, sentado na cama, passando o tempo em revista, sem ter coragem de ser prático” (TORRES, 2013, p. 133).

Neto não pensava em separação, muito menos separação por morte. Ao ficar viúvo, lembrando de sua vida com Célia, percebe questões às quais não se dava conta, mas passou a enxergar e sentir falta: “Essa era a nossa rotina: picuinhas, discussões, mágoas e reconciliações. Eu me viciiei nisso, não sabia mais viver sem” (TORRES, 2013, p. 135).

Refletindo sobre o modo como Neto relaciona-se com suas memórias, recorremos a Bosi (2003, p. 31), que explica: “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns”.

Rememorando os anos com Célia, vemos Neto passando por diversas fases de sofrimento até o dia de sua própria morte, pois não enxergava possibilidade de reconstruir sua vida, de ter um novo relacionamento — como mencionamos em citação anterior, Neto não acreditava em novas paixões na velhice. O luto, bem como a melancolia, não o fizeram encontrar formas de recomeçar.

Geralmente, ao perderem seus/suas companheiros/as, durante o luto, as pessoas não consideram reconstruir a vida, sobretudo casar novamente, até a dor e a solidão amenizarem. Porém, com o passar do tempo, vão retomando suas rotinas e, muitas vezes, dão início a novas relações. No caso de Neto, isso não aconteceu, pois não se permitiu refazer a vida amorosa. Vivia em casa, com as lembranças da esposa, e o luto virou adoecimento, depressão, com a vivência de um comportamento melancólico.

O filho de Neto, preocupado com o pai, tentou salvá-lo de alguma forma: “Murilo tentou homeopatia, massagem, acupuntura, insistiu na psicanálise, mas nada demoveu Neto da fixação em Célia. Tratava-se de um luto perpétuo” (TORRES, 2013, p. 130).

É esse “luto perpétuo”, ocasionado por uma perda, tido por Freud (2006, p. 103) como estado melancólico: “Optamos por correlacionar a melancolia com o luto, tanto pelas semelhanças do quadro geral dessas duas condições, como pelo fato de as circunstâncias da vida que as desencadeiam coincidirem — ao menos até onde é possível observá-las”.

Tratando da melancolia, nos termos apontados por Freud e apresentados no romance, o que se aconselha é a busca de um profissional da área de saúde mental. O romance evidencia esse tipo de tratamento, tanto com as hospitalizações de Ruth quanto, de maneira mais específica, por meio do que se conta sobre o personagem Neto, levado por seu filho a procurar ajuda médica.

Mesmo assim, Neto morre depressivo, pois, a partir de determinado momento, passa a desacreditar no tratamento, decidindo confundir seu psiquiatra, alegando sintomas inexistentes e resolvendo, sem ciência e acompanhamento médico, parar de tomar qualquer medicação. “Decidi não mais colaborar com os laboratórios, me vinguei de forma sistemática, atrapalhando a preciosa pesquisa deles” (TORRES, 2013, p. 137). Tais decisões de Neto farão com que ele acabe por provocar a própria morte, primeiro com a suspensão dos medicamentos por conta

própria e, posteriormente, em um momento de delírio, em que tem uma visão de Célia — o que passa a ocorrer com certa frequência —, tomando todos os remédios do frasco, ato que é suavizado pela narração em primeira pessoa, com o leitor tendo acesso aos pensamentos do personagem, que conduz suas ações como se não tivesse clareza que elas resultariam em suicídio.

Analisando o que se dá com a personagem Ruth, cabe lembrar que o luto é ocasionado pela perda do objeto amado, mesmo a perda de uma relação amorosa, não somente a morte em si. No livro *Fim*, o personagem Ciro provoca, ainda vivo, o início de um processo de luto de sua esposa, Ruth, a partir do término do casamento e a separação física, que se tornará melancolia:

Apliquemos agora ao quadro da melancolia aquilo que sabemos sobre o luto. Numa série de casos, é evidente que também a melancolia pode ser uma reação à perda de um objeto amado. Em outras ocasiões, constata-se que a perda pode ser de natureza mais ideal, o objeto não morreu realmente, mas perdeu-se como objeto de amor (por exemplo, no caso de uma noiva abandonada). Em outros casos, ainda, consideramos razoável supor que tal perda tenha de fato ocorrido, mas não conseguimos saber com clareza o que afinal foi perdido; portanto, temos motivos para achar que também o doente não consegue nem dizer, nem apreender conscientemente o que perdeu. Esse desconhecimento ocorre até mesmo quando a perda desencadeadora da melancolia é conhecida, pois, se o doente sabe quem ele perdeu, não sabe dizer o que se perdeu com o desaparecimento desse objeto amado. Isto, portanto, nos leva a relacionar a melancolia com uma perda de um objeto que escapa à consciência, diferentemente do processo de luto, no qual tal perda não é em nada inconsciente. (FREUD, 2006, p. 103).

Para compreendermos melhor, vamos primeiro entender que Ruth vivia em função de Ciro, conforme observamos neste trecho: “Na embriaguez afetiva. Ruth não era mais ela, era Ciro, era o filho, a casa, a união. Dizia-se completa” (TORRES, 2013, p. 116). No início, e por uma década, seu casamento realmente parecia perfeito. Eles viviam como se fossem apenas um, como dito por Ciro: “[...] metade ela, metade eu, tudo isso nos varreu como uma onda quente por quase dez anos” (TORRES, 2013, p. 162). Com o passar do tempo, assim como o casamento de Neto e Célia, a união de Ciro e Ruth também caiu na rotina, mas, diferentemente de Neto, Ciro viu que, por conhecer demais sua esposa, a atração por ela tinha acabado, não havia mais desafio algum:

[...] olhando para ela na cama, percebi que não havia mais nada a ser conquistado. Ela ainda era bonita, mas não tinha a ver com beleza. Minha surpresa era perceber que nada em mim, nem um pelo, nem um poro, nem uma mísera célula ansiava por um pouco daquela mulher. (TORRES, 2013, p. 162).

Tal sentimento fez com que Ciro começasse a trair sua esposa seguidas vezes, passando do perdão e das reconciliações às brigas. Em uma delas, na

véspera de natal, Ciro saiu de casa e só retornou após o ano-novo, sabendo, então, que a mulher havia sido internada pelo sofrimento que ele causou com seu sumiço. Eles retomam o relacionamento, mas, após seis meses, Ciro volta a trair Ruth e, ao ser flagrado pela esposa, a faz pensar que estivesse louca — sem opção de como se explicar, Ciro tem uma ideia perversa:

Levantei da cama, vesti a calça, a camisa, recolhi o que pude e saí a caminho do elevador. [...] Peguei um taxi, tudo normal, tarde de sol, Rio de Janeiro, o Aterro, o túnel, Copacabana, drama nenhum a me convencer disso. Tomei um banho, liguei a TV, comi uma besteira, até que ela chegou transfigurada. Neguei, neguei tudo, neguei completamente, considerei absurdo o que a Ruth contava. Reafirmei que estivera em casa todo aquele tempo e num misto de diversão, doença e falta de caráter, não sei, insinuei que, talvez, ela estivesse perdendo o juízo. (TORRES, 2013, p. 173).

Ciro mentiu tão bem, que Ruth chegou a pensar que estivesse realmente vendo coisas que não existiram. Não conseguia dormir, parou de se alimentar, não tomava banho e, no terceiro dia, Ciro chamou um médico, que resolveu interná-la. Ruth ficou hospitalizada por um mês. Ao retornar à casa, “Não houve reconciliação, não celebramos coisa alguma. Era um pesar tão negro, tão fundo, que não permitia gozo nem dentro e nem fora do lar” (TORRES, 2013, p. 174).

Mesmo Ciro acabando seu relacionamento com a amante, Ruth não acreditou mais em seu marido. Passaram a não ter mais vida de casados, só moravam na mesma casa, e, com o tempo, Ciro volta a sair com amigos, logo conhecendo outras mulheres, com as quais se relaciona. Ruth passou a viver um luto antecipado a partir do momento que Ciro mal ia em casa e, quando ia, não se falavam. O sofrimento dela só aumentava, e isso a fez se isolar.

O verdadeiro luto vivido por Ruth aconteceu após a morte de Ciro, que definiu vítima de um câncer no pâncreas em metástase. Sem ninguém para cuidar dele, Ciro é obrigado a pagar enfermeiras para acompanhar seu tratamento após a cirurgia. Ruth só soube da doença de Ciro após sua morte, notícia dada por sua irmã Raquel. Ao saber da morte, Ruth ficou furiosa com sua irmã, pois a culpou por não a ter avisado antes da doença de Ciro, experienciando uma mistura de sentimentos: “O amor recalcado ameaçou a vir à tona e transbordar. Nunca mais o verei. Só sobraram os desacertos, pensou” (TORRES, 2013, p. 121).

A partir daquele momento, Ruth pôde realmente viver a perda física do objeto amado:

Ruth aumentou o volume, cantou, dançou, se deixou levar. Caiu arfante na poltrona, calou-se, refletiu. Sentia-se grata. Havia dez anos enfrentava a ausência de Ciro. A morte dele era o fim da tortura de, um dia, sabê-lo vivo e feliz, ao lado de outra mulher. Morto, permanecia seu, imaterial, eterno. (TORRES, 2013, p. 122).

A melancolia que se instalou desde o término da relação com Ciro prolongou-se indefinidamente, com Ruth vivendo em isolamento, desconectada da

realidade até o fim de sua vida, sendo a mais longeva entre todos os personagens, falecendo aos oitenta e três anos, junto à sua irmã (TORRES, 2013).

Considerações finais

Concluimos, considerando o quão o romance *Fim* nos faz refletir sobre a amizade, o amor, o desgaste das relações, as ausências, o que se perde e o que se mantém com o passar do tempo, através de personagens comuns, que relatam suas experiências prosaicas, estando próximos de nós. E muito disso se dá pelas escolhas da autora no modo de estruturação do romance e no estilo adotado em sua construção narrativa, como a opção pela narração homodiegética, de caráter memorialista, com ênfase no universo interno dos personagens, que apresentam seus sentimentos e pensamentos, relatando suas experiências de vida com desenvoltura e intimidade.

Conforme afirma Candido (2011, p. 184), quando o autor tem a capacidade de “criar a organização literária adequada”, atinge “eficácia estética”, a forma narrativa permite que o conteúdo ganhe maior significado e a junção de ambos aumenta a capacidade do leitor de ver e sentir (CANDIDO, 2011, p. 181).

Concordamos com o entendimento de Candido (2011, p. 177) sobre a literatura ser “fator indispensável de humanização”, ou seja, para “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor”, desenvolvendo em nós, leitores, “a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2011, p. 182).

Acompanhar os personagens de *Fim*, construídos com sensibilidade, seres complexos, falhos, permite nos aproximarmos de seus conflitos internos e suas dores, da solidão de Ciro, no isolamento hospitalar, mas também do sofrimento de Ruth e Neto, pela dificuldade de superarem a perda de seus amores. E, quem sabe, também nos provoca a lançar um olhar empático para as pessoas de carne e ossos, do mundo real, em um momento que o isolamento é propagado como forma de proteção à vida, os abraços e demais demonstrações físicas de afeto podem representar um risco e a morte solitária, bem como a possibilidade da perda definitiva de nossos afetos, nos ronda e oprime o peito.

Referências

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

DÍAZ, Fanuel Hanán. Variaciones sobre el tratamiento del tema de muerte en la literatura infantil. *Revista Latinoamericana de literatura infantil y juvenil*, [s.l.], n. 4, p. 2-11, jul./dez. 1996.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Coordenação geral da tradução de Luiz Alberto Hanns; tradução de Claudia Dornbusch *et al.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006. p. 99-122. (Obras psicológicas de Sigmund Freud).

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas das letras: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

TORRES, Fernanda. *Fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Para citar este artigo

SILVA, Suéllen Rodrigues Ramos da; LIMA, Maria de Lourdes Pereira de; CARVALHO, Danielle Abrantes de Menezes. Envelhecer, recordar: solidão, melancolia e morte, em *Fim*, de Fernanda Torres. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 1, p. 380-393, jan.-abr. 2022.

As autoras

Suéllen Rodrigues Ramos da Silva é doutora e mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB). Bacharelada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo (UFPB). Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Professora substituta na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* Sumé. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7402-6233>.

Maria de Lourdes Pereira de Lima é mestranda em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Psicopedagogia Institucional, pelo Instituto Superior de Cajazeiras (ISEC). Licenciada em Pedagogia, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Professora pedagoga efetiva da Prefeitura Municipal de Mamanguape. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6760-5387>.

Danielle Abrantes de Menezes Carvalho é especialista em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Turismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4185-9404>.